

CONCLUSÃO

O que propomos é um enfoque de pesquisa à atividade de ensino. Seja em termos de métodos, currículos, conteúdo ou laboratório, é preciso experimentar. A heterogeneidade da população estudantil no ciclo básico, a diversidade de condições físicas, culturais e sócio-econômicas, a transitoriedade de eventos e situações no mundo moderno, implicam em flexibilidade e adaptabilidade. É necessário saber em que condições se pode usar este ou aquele método ou currículo, esta ou aquela experiência de laboratório. Por outro lado, é preciso também saber mais acerca de fenômenos básicos e menos sujeitos à transitoriedade, como é o caso do mecanismo de aprendizagem. Para tudo isso, parece-nos que a melhor saída, senão a Única, é pesquisar.

4. Ciclo Básico – Contribuição

LUÍS CARLOS MENEZES (IF-USP)

I - A conceituação de educação como o conjunto dos processamentos que transforma crianças analfabetas em mão-de-obra para um mercado de trabalho é uma aberração desumana.

II - O aluno que chega à universidade já foi vítima deste processamento durante uma dúzia de anos. Privado do diálogo, encarado como receptáculo do ensinamento, ele é submetido a tratamento análogo por quatro ou mais anos até o momento em que é entregue passivo, imaturo, acrítico e não raro até mesmo mal treinado ao sistema de produção onde ele pretensamente exercerá uma função intelectual.

III - O ciclo básico é proposto, via de regra, como uma forma *eficiente* de transição entre um treinamento geral inespecífico e um treinamento profissional especializado. Uma interface ou uma engrenagem diferencial da máquina de processar estudantes.

Propostas:

I - Que o ciclo básico seja um convite à tomada de consciência (de alunos e professores). Que inclua uma apreciação crítica da *educação* a que o estudante foi sujeito até então. Que inclua a discussão da situação do campo de trabalho a que o estudante se destina, da função social desta profissão, de seus problemas presentes e previsíveis.

II - Que o máximo concebível de independência e responsabilidade sejam entregues aos alunos já neste ciclo. Que se interrompa definitivamente o processamento passivo, mesmo levando em conta que isto constituirá um choque para o estudante e um acréscimo no tempo de trabalho e engajamento para o docente universitário. Que o eventual conflito entre estas práticas e os *desígnios* do sistema seja considerado pelo menos salutar.

III - Que neste ciclo os estudantes de profissões técnico-científicas devam cursar disciplinas de Ciências Humanas de nível universitário e vice-versa. Que em qualquer especialidade, as aulas práticas ou laboratórios didáticos incluam investigação fenomenológica genuína e não só aparelhos pré-montados para confirmar teorias.

Creio que criar um laboratório fenomenológico, em que o aluno tenha chance real de discussão, é um esforço terrível para todos nós, pois vamos descobrir que não sabemos muita coisa, mas vale o esforço. Construir um grupo de textos, compacto, barato, que contenha a espinha dorsal do curso, dando assim liberdade a que o estudante faça sugestões. Trazer para o ciclo básico conferências sobre a integração Ciência/Tecnologia, trazer o curso de História da Ciência para o ciclo básico, discutindo a interrelação entre Ciência e Economia, é algo muito difícil (por isso mesmo, não está sendo feito). Convidar o estudante para palestras e discussões sobre seu futuro profissional como físico, como professor secundário, contar os podres dessa profissão como discutimos aqui hoje, é o que deve ser feito.

O ensino superior é uma caricatura, pois como educadores temos que admitir o rótulo ontem colocado pelo soció-

logo Luís Antônio Cunha, de que somos meros propagadores da política educacional do Governo. E enquanto merecermos passivamente este rótulo, o curso superior vai ser uma caricatura, como disse a Suzana.

Constatamos, como salientou a Beatriz, que o ciclo básico surge com o fim das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Isso porque, no meu entender, essas faculdades eram um ponto de resistência contra o pragmatismo. O conceito de educação se reduz a saber como transformar a criança analfabeta em mão-de-obra. Isso é educar para domesticar. Homem não é mão-de-obra. Homem e mão-de-obra são coisas diferentes. Se um educador trabalha para transformar um ser humano em mão-de-obra, ele é um anti-educador. É colocar o homem a serviço do sistema, quando, ao contrário, o sistema deveria estar a serviço do homem.

A educação em Física não se distingue fundamentalmente da educação em qualquer outra coisa. Ou educa para condicionar, domesticar, enquadrar, e então ela significa escravização, ou educa para dar uma visão profissional competente e para dar ao indivíduo mais lucidez, mais consciência. Essa é a educação para a libertação. Aqui vale citar mais uma vez Paulo Freire: "o objetivo não é simplesmente alfabetizar adultos, mas criar adultos que não sejam simplesmente não analfabetos". Talvez tudo o que eu disse não valha apenas para o ciclo básico, mas certamente vale para o ciclo básico.

DEBATES DO PLENÁRIO

Vera Lúcia L. Soares, IFUSP, a Luís Carlos Menezes: Gostaria que esclarecesse sobre a necessidade do ensino de Ciência no ciclo básico. Muitas vezes a abordagem é de que Ciência é difícil de ser feita, exigindo especialistas, e deve ser debatida em ambiente fechado. Gostaria que você explicasse melhor o significado de discutir História da Ciência nos cursos básicos em particular.